

## “Teoria do Benefício” e “A Causa Secreta”:

### poder, favor e exploração<sup>1</sup>

Catia Pietro da Silva<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente artigo tem por objetivo aplicar a máxima de Quincas Borba: “o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado”, expressa no capítulo “Teoria do benefício”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880/1881), ao conto “A causa secreta” (1886). Com olhos à teoria borbista, o conto retoma temas caros a Machado de Assis, como o poder da classe dominante, o favor como meio de ascensão social da burguesia e a exploração como prática da alta sociedade brasileira do século XIX.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Poder; Favor; Exploração.

#### 1. Introdução

No capítulo CXLIX, “Teoria do benefício”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba faz a seguinte observação ao defunto-autor: “Não me podes negar um fato – disse ele [Quincas Borba] –; é que o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado” (Assis, 1995: 169). Adiante o filósofo defenderá que dentre dois burros que se coçam mutuamente, aquele que melhor o fizer terá um “indício de satisfação especial” (idem) nos olhos. A teoria do benefício destrói, portanto, a possibilidade de ações altruístas, uma vez que, se há ganho pela parte de quem as pratica, então elas não são movidas pela vontade de fazer o bem, mas por um interesse próprio.

Em “A causa secreta”, conto de sutilezas e difícil interpretação, o jovem Garcia, ao observar em duas situações distintas o cuidado que o capitalista Fortunato dedica a

<sup>1</sup> O artigo decorre do trabalho final de mesmo nome realizado para a disciplina Literatura Brasileira IV: A obra de Machado de Assis, ministrada pelo Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães.

<sup>2</sup> Graduanda do sétimo semestre de Letras (Português e Alemão) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista do CNPq com o projeto de pesquisa em Literatura Alemã: “A relação compaixão / violência nos protagonistas de ‘A causa secreta’, de Machado de Assis, e ‘Tobias Mindernickel’ de Thomas Mann: Uma análise comparativa”.

estranhos feridos e enfermos, admira a boa vontade, a compaixão do futuro sócio. Porém, a admiração do médico não perdurará muito; Garcia logo descobre que todos os atos de Fortunato, graves e leves, podem ser explicados “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar” (Assis, 1997: 518).

Notado que as similaridades permitem aplicar a teoria do benefício à leitura de “A causa secreta” (ou “ler Machado com Machado”, conforme postula Silviano Santiago), e que o conto em questão posiciona-se entre a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), fato que certamente não deve deixar a coincidência passar por fortuita, este artigo busca analisar as relações de poder, favor e exploração do conto a partir da teoria borbista.

Apoiada nas leituras de “As idéias fora do lugar” de Roberto Schwarz e “Solidariedade do aborrecimento humano” de Silviano Santiago, pretendo também reintear neste estudo o aspecto crítico e observador de Machado de Assis sobre seu tempo e demonstrar como as relações que se estabelecem entre poder, favor e exploração em “A causa secreta” dizem respeito ao momento histórico do escritor, isto é, a partir da posição social dos personagens Fortunato e Garcia verificar de que maneira o relacionamento dos dois pode ser interpretado como um protótipo da relação da elite com a burguesia nascente no Brasil oitocentista.

## 2. A Complacência dos Burros e a Teoria do Benefício

Em *Elogio da Loucura*, obra do teólogo e humanista holandês Erasmo de Rotterdam, encontramos a seguinte observação:

Vede com que complacência dois burros se coçam um ao outro! Pois bem, eis aí em que consiste uma grande parte da eloquência, uma grande parte da medicina e, por assim dizer, a poesia inteira; enfim, eis o que faz a satisfação, a doçura da vida. (Erasmo, 2003: 69)

Na fala da Loucura personificada de Erasmo, os dois burros são complacentes porque entre eles há uma espécie de *acordo de reciprocidade*: a boa ação praticada ao outro é igual à boa ação recebida pelo outro. Esta troca de benefícios, tão banal quando notada nos dois burros, é também base da retórica, da ciência e da arte. É o grande prazer da vida.

Quincas Borba, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, acrescenta, porém, que “se um dos burros coçar melhor o outro, esse há de ter nos olhos algum indício especial de

satisfação” (Assis, 1995: 169). Desta forma, o que em Erasmo era uma *troca igualitária de benefícios* recebe em Quincas Borba outro caráter: a *afirmação da superioridade de um pelo benefício feito ao outro*.

A teoria do benefício é apresentada a Brás Cubas logo após este se queixar da falta de gratidão do cunhado. Eis o acontecido: ao não conseguir ser ministro de Estado, tendo a cadeira, e assim a tão exasperada notabilidade, negada, Brás decide fundar um jornal oposicionista e anuncia-o à imprensa. Publicado o jornal, Cotrim declara em outros meios que, apesar de não se filiar a nenhum partido, não apóia o jornal do cunhado. Ao contrário, desaprova suas idéias e seu procedimento político. Brás fica igualmente surpreso e indignado, não entende a atitude de Cotrim, uma vez que, depois da reconciliação, suas relações haviam sido até então “lhanas e benévolas”. Compreende-se, portanto, que a relação entre os cunhados era como a relação dos dois burros de Erasmo: complacente, isto é, mutuamente benéfica.

Cotrim fere sua relação com Brás ao atacá-lo publicamente; Brás, então, não tem retorno dos favores feitos a Cotrim, e sente isto como ingratidão do cunhado. O sentimento de Brás Cubas é do burro que, promovendo o bem-estar do outro, não recebe o seu e, ainda, leva um coice sem motivo. Quincas Borba rejeita a censura de Brás à ingratidão de Cotrim, pois “o prazer do beneficiador é sempre maior que o do beneficiado” (Assis, 1995: 168). Quando cessada a privação, aquele antes em dor ou necessidade deve logo esquecer o obséquio e retornar a um estado de indiferença. Porém, naquele que cessa a dor ou a necessidade persistirá a lembrança do ato praticado. Quincas Borba explica:

Primeiramente, há o sentimento de uma boa ação, e dedutivamente a consciência de que somos capazes de boas ações; em segundo lugar, recebe-se uma convicção de superioridade sobre a outra criatura, *superioridade no estado e nos meios* [grifo meu]; e esta é uma das coisas mais agradáveis, segundo as melhores opiniões, ao organismo humano. (Assis, 1995: 168, 169)

Se no texto do teólogo renascentista beneficiar, ou seja, o ato de fazer o bem ao outro, só é possível por causa de uma troca igualitária de benefícios, a aceção exposta no romance de Machado é ainda mais cruel: beneficiar é possível porque o *beneficiador é superior ao beneficiado*. Beneficiar, portanto, é a afirmação da superioridade do beneficiador, e a certeza da superioridade (não a troca de benefícios, como postula Erasmo) é um dos maiores prazeres do ser humano.

Daí um desenvolvimento: se “fazer o bem faz bem”, o benfeitor não é movido por um desejo filantrópico e altruísta; ao contrário, ele é movido por um desejo egoístico em busca de seu próprio bem-estar. Em suma, a motivação não é fazer o bem, mas fazer-se bem.

### 3. Fortunato, o Beneficiador

Fortunato, personagem de “A causa secreta”, carrega no nome a “superioridade no estado e nos meios” que de fato possui. Capitalista declarado, ele é aquele que por causa de sua riqueza e posição social, e através delas, pode praticar boas ações. O caráter beneficiador de Fortunato é mostrado em dois momentos: quando socorre Gouveia e quando, ao fundar a casa de saúde, dedica-se inteiramente ao cuidado dos doentes.

Retomemos a cena em que Gouveia é ferido pela malta de capoeiras. Fortunato, além de acudir o machucado, dispõe-se a auxiliar a polícia nas investigações. Garcia, que a tudo assiste, chega a pensar que o ferido é parente de Fortunato, mas a possibilidade logo é negada. Implícito já está que o benefício raramente é gratuito: se Gouveia fosse familiar de Fortunato, então haveria razão para este ajudá-lo. Instigado, o jovem estudante observa-o e chega à conclusão que “estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se [Fortunato] era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios” (Assis, 1997: 513). Neste episódio, o altruísmo de Fortunato é pensado por Garcia como uma possibilidade, não como uma certeza.

Tempo depois, dá-se uma cena curiosa: curado, Gouveia vai ter com beneficiador para agradecer-lhe a boa ação. Fortunato, entretanto – ao oposto de Brás Cubas –, não tem o menor interesse em ser agradecido, reconhecido pela sua boa ação. Ao contrário, ouve impacientemente o homem e ainda faz-lhe uma piada. O esquecimento do benefício, que Quincas Borba diz ser característica do beneficiado, não ocorre em Gouveia; por isso Fortunato provoca-lhe o sentimento oposto, a ingratidão:

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forcejando por esquecer-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do *benefício*; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o *benefício*, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. *Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão* [grifos meus].<sup>3</sup> (Assis, 1997: 513)

<sup>3</sup> Interessante notar o uso da palavra *benefício* nesse trecho tanto pelo narrador quanto por Gouveia.

Silviano Santiago atenta em “Solidariedade do aborrecimento humano” que “à vista do espetáculo do sofrimento alheio [Fortunato] se manifesta como responsável cidadão carioca” (Santiago, 2008: 183). Porém, o desinteresse de Fortunato em ser reconhecido como “responsável cidadão carioca” e, ainda, o desconforto com esse tipo de reconhecimento apontam duas coisas: 1) Fortunato definitivamente não participa de uma troca igualitária de benefícios, pois não tem interesse em ser retribuído; 2) ao não participar da troca, Fortunato deve encontrar alguma outra recompensa em ajudar os outros<sup>4</sup>.

O espírito beneficiador de Fortunato reaparece com a fundação da casa de saúde. Garcia, então, observa que “a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem” (Assis, 1997: 515). A possibilidade parece virar certeza, Garcia acredita que Fortunato é um benfeitor sem segundas intenções. Contudo, observa também a “solidão moral” de Maria Luísa, esposa de Fortunato, e a reminiscência de pequenas coisas (tanto de Garcia, quanto do leitor atento), como o desprezo de Fortunato pela comédia e a apreciação pelo drama, e as bengaladas distribuídas aos cães, “amarram” essa conclusão.

Uma das causas secretas do conto é a causa secreta de Fortunato: por que este homem da alta sociedade se importa em ajudar os outros, de classes inferiores? O episódio do rato desvenda a motivação de Fortunato a Garcia e ao leitor: “‘Castiga sem raiva’, pensou o médico, ‘pela necessidade de achar uma sensação de prazer que só a dor alheia pode lhe dar: este é o segredo deste homem’” (Assis, 1997: 518). Relembrados os atos graves e leves de Fortunato, Garcia acha a mesma explicação para os favores do sócio.

Garcia percebe que a aparente compaixão de Fortunato está atrelada a um desejo sádico<sup>5</sup> de violência. Mais do que gostar de infligir dor, ele gosta de observá-la. O prazer que Fortunato sente com a dor alheia é o que o impulsiona a agir em favor daqueles em sofrimento – que sempre são de classes sociais inferiores à sua. Sua posição social, de homem rico e distinto, garante que ele possa fazer isso.

Se para *Memórias póstumas* Schwarz fala da *volubilidade do autor*, para “A causa secreta” é possível dizer que há uma *volubilidade do personagem Fortunato*. Como em Brás Cubas, é a classe social (a mesma, a elite) de Fortunato que o permite se passar por

<sup>4</sup> É importante ressaltar aqui que a possibilidade de Fortunato ser apenas um filantropo em potencial, sempre disposto a ajudar aqueles em necessidade, é frustrada no início do conto: um homem de espírito caritativo dificilmente sairia pelas ruas dando bengaladas em cães sonolentos (Assis, 1997: 512).

<sup>5</sup> O termo sádico é utilizado aqui conforme uma das acepções propostas pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: “satisfação, prazer com a dor alheia/ extrema crueldade”.

benfeitor e, depois, a fundar uma clínica. Fortunato, rentista ocioso, pode fazer de um prazer seu objetivo de vida. Por esta razão, não é apenas a fortuna de Fortunato que se baseia na exploração<sup>6</sup>; também os favores que pratica são realizados pelo desejo de explorar, nesse caso, a dor alheia. O conto parece, então, estar de acordo com a teoria borbista: o prazer de beneficiador é realmente maior do que o do beneficiado.

Há, ainda, um outro benefício – talvez o maior – realizado por Fortunato que a narrativa não explora, mas implica-o. A fundação da casa de saúde ocorre porque Fortunato dispõe dos meios necessários (dinheiro e influência social) para isso. Certamente, o prazer dele é maior do que os enfermos que lá estão sendo tratados, pois a aglomeração da dor lhe é fonte de vastos prazeres. Ainda assim há um beneficiado que parece estar em pé de igualdade com Fortunato: Garcia.

#### 4. Garcia, o Beneficiado

A narrativa de “A causa secreta” é majoritariamente centrada no ponto de vista do personagem Garcia. O narrador dá voz aos seus pensamentos, e como ele o leitor sente-se espreitando as ações de Fortunato. Sobre o caráter do jovem estudante de medicina, seu espírito investigativo é destacado.

Em visita a Fortunato, anos após o ocorrido com Gouveia, Garcia, agora formado, conhece Maria Luísa e conta-lhe a “ação bonita” do marido. Ressaltadas as habilidades de Fortunato como enfermeiro, diz que se um dia viesse a fundar uma casa de saúde o convidaria. Fortunato provoca: “Valeu?”, Garcia diz estar apenas de brincadeira. Mas Fortunato insiste na idéia: “para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve” (Assis, 1997: 515). Garcia acaba por aceitar, “era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos” (Assis, 1997: 515).

Santiago (Santiago, 2008: 192) defende que desde o primeiro encontro na Santa Casa Fortunato está “de olho” em Garcia. O capitalista busca um futuro profissional com o qual possa fundar uma casa de saúde – espaço em que deseja concentrar dor para seu deleite. Entretanto, não se pode acreditar na ingenuidade de Garcia. É ele quem primeiro

---

<sup>6</sup> Vale aqui lembrar que o contexto histórico do conto: os anos de 1860 e 1861 correspondem ao Segundo Reinado. O Brasil queria-se europeu, mas a pirâmide social – formada por escravos na base, profissionais liberais ao meio, e latifundiários no topo – dificilmente permitia mudanças. O poder, então, encontrava-se concentrado nas mãos da elite e era mantido por meio da exploração do trabalho escravo e também, de forma mais sutil, por meio da exploração da dependência do “homem livre”.

fala sobre fundar uma casa de saúde. Perante a proposta de Fortunato, sua hesitação inicial é artificial. Para um recém-formado a possibilidade de dar início à carreira como sócio de uma clínica não só é rara, mas praticamente impossível. A proposta de Fortunato é inegável. Além disso, Fortunato entra com todo o capital e administra a casa. Garcia precisa apenas exercer seu saber.

Se é viável pensar que Fortunato estava a procura de um jovem médico como Garcia para fundar uma casa de saúde, também é igualmente possível considerar que Garcia estava a busca de um financiador para então “dar vazão a seu objetivo secreto de vida” (Santiago, 2008: 193), isto é, poder exercer sua profissão em uma posição confortável, de chefia. O que se dá entre Fortunato e Garcia, portanto, é uma *comunhão de interesses*. O primeiro tem a clínica como um espetáculo de sofrimento ao qual adora assistir; o segundo, como local de trabalho. Ter um emprego garantido, possivelmente vitalício, é o grande desejo do profissional liberal, que Garcia alcança graças a Fortunato.

## 5. A Comunhão dos Interesses

Fundada a casa de saúde, o narrador diz que “a comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade” (Assis, 1997: 515). Esta comunhão diz respeito ao negócio de Fortunato e Garcia, a casa de saúde. Como dito anteriormente, a fundação da casa de saúde traz uma situação profissional beneficiadora a Garcia.

Inicialmente, o negócio parece ser mutuamente benéfico, similar à relação dos dois burros de Erasmo. Mas entre Fortunato e Garcia não pode ocorrer uma troca igualitária de benefícios, pois eles são de classes sociais distintas. Garcia é favorecido, mas sempre estará em uma posição desfavorável em relação a Fortunato. O beneficiado nunca está em pé de igualdade com o seu beneficiador, pois este é quem retém “superioridade no estado e nos meios”. Roberto Schwarz, em “As idéias fora do lugar”, diz:

“o profissional liberal dependia do favor para o exercício de sua profissão [...]. *O favor é a nossa mediação quase universal* – e sendo mais simpático do que o nexos escravista [...] é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção.” (Schwarz, 2000: 16)

Quando a “profissionalização do jovem médico na praça do Rio de Janeiro se casa com o capital voluptuosamente cruel e amadorístico de Fortunato” (Santiago, 2008: 194), conforme formula Santiago, Fortunato favorece Garcia e, como consequência, este se torna

dependente daquele. No Brasil oitocentista, a ascensão social do profissional liberal e a própria prática de seu ofício dependia da intermediação, do apadrinhamento de alguém da classe superior. Por isto, em Garcia, ainda mais do que em Fortunato, a *natureza do capital* prevalece (Santiago, 2008: 192). Fortunato funda a casa de saúde como um *hobby*, para seu prazer; Garcia associa-se a ela porque precisa trabalhar, precisa de dinheiro para sobreviver.

Com os laços da intimidade apertados, Garcia passa a ser visita freqüente em casa de Fortunato e, pouco a pouco, apaixona-se por Maria Luísa. A moça dos olhos submissos ia ao piano tocar músicas tristes, falava-lhe baixo e sua “solidão moral” tornava-a ainda mais encantadora. Temeroso em arriscar o negócio e a amizade, Garcia tenta em vão pôr o amor fora. Não consegue, então se silencia. Maria Luísa adoece e Garcia, que neste momento já conhece a dimensão do sadismo de Fortunato, questiona se ela não sofre algum excesso da parte do marido. Decide os vigiar. Vigia, mas não investiga. Por que o jovem que possuía o “amor da análise” não analisa a situação, apenas decide observá-la passivamente? A que espécie de excesso Maria Luísa poderia estar exposta? E se isso a adoece, adoece a mulher que ama, por que não faz algo? Causas secretas de Garcia.

O foco narrativo centrado no olhar de Garcia cria a ilusão de que ele possui autonomia suficiente para pensar e agir como bem entender. Pensar, sim; agir, não. A última cena, na qual prevalece a perspectiva de Fortunato, que observa Garcia, em prantos, beijar o cadáver de Maria Luísa, demonstra a verdadeira situação do médico. Ela retoma o episódio da tortura ao rato, em que o sadismo de Fortunato é revelado: ele delicia-se com a dor de Garcia da mesma forma como se deliciava ao cortar as patinhas do roedor. Percebe-se aí uma fusão entre Garcia e o rato: ele é tão frágil perante Fortunato quanto o animal.

Se Garcia descobrisse que Maria Luísa sofria algum maltrato de Fortunato, provavelmente se sentiria impelido a tomar uma atitude, a denunciar o abuso. Entretanto, o médico opta novamente pelo silêncio. Garcia não quer criar conflito, não quer por em risco o benefício que recebera. Ele, que ao presenciar o socorro prestado a Gouveia, tenta encontrar no parentesco a explicação para o ato de Fortunato, sabe que os benefícios raramente são gratuitos. Se se tornasse um incômodo, se questionasse, seu beneficiador poderia, a qualquer momento, retirar-lhe a sociedade da casa de saúde. Esse risco Garcia não está disposto a correr. A “comunhão dos interesses” que Garcia aproxima de Maria Luísa é também o que o impede de fazer algo em favor de sua amada.

## 6. Considerações Finais

Quando aplicada a “A causa secreta”, a teoria do benefício desvenda o porquê das atitudes de Fortunato ao passo em que também as fundamenta: beneficiar se configura como possibilidade apenas para aquele que possui “superioridade no estado e nos meios”. Ao favorecer alguém há de se ter o prazer da “convicção de superioridade sobre a outra criatura”. No caso de Fortunato, ajudar os feridos e doentes para comprazer-se com a dor e o sofrimento deles é a afirmação máxima de sua superioridade.

No conto, o favor claramente não depende nem da compaixão, nem do amor – se assim fosse, Garcia poderia ter feito algo para ajudar Maria Luísa –, mas do poder. Como fruto do poder, o favor é explorador. Diz Schwarz: “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais” (Schwarz, 2000: 16).

O liberalismo às avessas do Brasil do século XIX, que mantém a escravidão, torna dependente o profissional liberal, que, segundo os ideais liberais da burguesia européia, deveria ter total autonomia no exercício de sua profissão. Ao criar um capitalista sádico, um personagem que faz um médico recém-formado seu dependente profissionalmente, que por causa disso é incapaz de se opor a ele mesmo em seu momento de maior angústia (a desconfiança sobre um possível abuso de Maria Luísa por Fortunato), Machado exhibe com maestria o descabimento das idéias liberais em um país no qual o exercício da profissão do profissional liberal estava submetido ao poder e à exploração da elite.

Em “A causa secreta”, o leitor de Machado de Assis logo percebe que está diante de um *Leitmotiv* da obra do escritor: um personagem cujos caprichos e cujas vontades submetem tudo. Aqui não a morte, mas a beneficência.

## Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. “A causa secreta”. *Obra Completa – Volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1997.

ERASMO, Desidério. *Elogio da Loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

SANTIAGO, Silviano. “Solidariedade do aborrecimento humano”. In: SENNA, Marta de (Org.). *Machado de Assis: cinco contos comentados*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.